

O LOBISOMEM E A CUECA BRANCA

Esta é uma estória antiga... Ninguém se preocupe com o que aqui for relatado. Nem esta matéria, nem nada do que está publicado neste site, pode ser tomado ao pé da letra. A riqueza da ficção é, não só, a imaginação de quem conta o caso, mas também a imaginação de quem o ouve.

Se não fosse assim, não teria graça. A ideia é recontar as coisas e acrescentar um ingrediente novo. Portanto sempre que eu disser que é fato verídico, vocês sabem que é pura mentira. Tá combinado?



Pois o Tio Ataíde, numa noite dessas de fim de semana, colocou seu terno branco, seu chapéu branco, suas meias brancas e sua cueca branca e saiu para a Praça para conversar com uns amigos e beber uma bitruquinha.

Ele morava ali no começo do Riacho. Passava pela igreja, subia um pouquinho, ali por perto da atafona do Bateti, depois pegava a estradinha do Riacho passando pela casa do Seu Nico Souza...

O Ataíde chegou ao bar e o pessoal estava contando estórias de fantasmas, aparições e coisas do outro mundo. Ataíde até riu das estórias... (como é que alguém fica com medo dessas bobagens?)... E ficou ali tomando os traguinhos até perto da meia-noite, conversando amenidades com o Nego Tico.

Na volta para casa, a rua estava completamente escura e os sapos faziam um coro enorme. Além disso, naquelas noites de verão, os grilos cri-crizavam respondendo ao coral dos batráquios..

Deu um medinho. Ele resolveu passar pela frente do salão paroquial e seguir próximo à casa do Lauro Andrade porque o Seu Lauro sempre deixava uma luz acesa na frente da casa.

Depois que começou a subir o morro, ouviu um uivo muito alto.

– Arrrah! Guapecada dos inferno! Vão deitá jaguarada!

Ele ralhou com os cachorros do Bateti e mais uma cadelada da Preta que latiam ali no começo do morro. Depois, fez-se um silêncio enorme e o Ataíde sentiu um arrepio na espinha. Resolveu acender um cigarro pra ver se alumiava alguma coisa.

– Cô, cô, cô, cachorrada!... – O medo era tão grande que ele já tava pedindo a companhia dos cachorros. E assobiava: fiu fiu..

Silêncio.

Ataide escutava o ruído dos seus passos e as batidas do próprio coração.

De repente, na escuridão total, ele escutou claramente:

– **ATAIIIIDEEEEE!...**

Ele deu um salto e escorregou na vala ao lado da estrada. Seu sapato engraxado com a pasta Odd (*adivinha o que brilha mais, o assoalho da mamãe ou o sapato do papai?*)... aquele barro liguento do Riacho subiu-lhe pelas meias e enlameou a barra das calças brancas, engomadas com carinho pela Julinha.

Ataide ficou quieto, enfiado no barro esperando ouvir o que grito era aquele. Enquanto saía da lama e se limpava, novamente o grito ecoou no Riacho:

– **ATAIIIIDEEEEE!...**

Pois agora foi pior. Ele escorregou e caiu de prancha na lama, sujando todo o terno branquinho. Mas a coisa era séria! Tinha que ficar escondido ali até descobrir o que vinha vindo pela estrada. Ataíde armou-se de uma pedra grande e ficou encostado ao barranco com os pés enfiados na lama.

– Se vier essa alma penada eu lasco uma pedrada – Pensou.

Então. Oh Céus... Um matinho se mexeu. Ataíde perdeu a respiração e quase morreu de susto com o que viu pela frente: Uma espécie de cachorro, com a forma humana. Olhos vermelhos como fogo, presas enormes, e a língua grossa balançando focinho abaixo, empapada em baba viscosa. As orelhas eram pontudas e o ser tinha também garras pontudas e um rabo peludo. Pelos aliás, abundavam. Desde a região onde naturalmente abundam até a testa. Tudo peludo.

Ataide ficou sem fala. O bicho se aproximou e falou com uma voz rouca e animalasca:

– **ATAÍDE! TEM UMA CARTA PARA VOCÊ.** – E estendeu-lhe um envelope.

Isso era demais... Ataíde lembrou que era sexta-feira e meia-noite. Não havia dúvidas. Era um lobisomem que queria atacá-lo. Rapidamente, atirou a pedra que tinha nas mãos. Acertou bem no... Bem, a mira era pra ser mais para cima... mas acertou... acertou bem ali... Ataíde confessa que errou porque pretendia acertar a cabeça do bicho.

O importante é que o bicho sentiu. E sentiu pra valer. O lobisomem pôs-se a correr uivando de dor e sumiu na escuridão.

Refeito do susto Ataíde chegou em casa todo sujo e arrepiado. A Tia Julia foi abrir a porta e assustada perguntou:

– Ataíde, você tá todo sujo! O que foi que aconteceu?

– Saí todo branquinho, – respondeu o Ataíde – mas um lobisomem me perseguiu na estrada e eu caí no valo. Sujei toda a roupa branca.

– Sujou tudo? – Lamentou-se a Tia Julia que havia passado trabalho alvejando o terno.

– Tudo não – respondeu o Ataíde – a cueca se salvou e ficou branquinha.

Mas ao tirar a roupa, Ataíde ficou estarecido: A peça de roupa que estava mais suja, aquela que tinha uma matéria marrom-amarelada, era justamente a cueca.

Perguntas que não querem calar:

Você conhecia esta estória?

A estória era diferente? Ou era mais ou menos assim?

Você acha que era um lobisomem mesmo ou o Ataíde viu coisas?

Urubici tinha lobisomem?

O Doutor Edmundo atendeu alguém naquela semana com um machucado na região da Bósnia?

Quem era o personagem que o Ataíde encontrou?

Matéria marrom-amarelada? Que merda é essa?